

A relação entre Turquia e Estados Unidos: a geopolítica da Guerra-Fria e a estratégia da contenção



The relation between Turkey and the United States: the geopolitics of the Cold War and the strategy of containment

La relación entre Turquía y Estados Unidos: la geopolítica de la Guerra Fría y la estrategia de contención

Waldeir Eustáquio dos Santos¹
Rodrigo Corrêa Teixeira²

1. Professor e Chefe de Departamento do Curso de Serviço Social - Campus Coração Eucarístico, da PUC Minas. Contato: waldeirsocial@gmail.com.

DOI: 10.5752/P.2317-773X.2025v13n1p123-144

Submetido em: 27 de março de 2024
Aceito em: 5 de agosto de 2024.

2. Professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia – Tratamento da Informação Espacial, e do Departamento de Relações Internacionais da PUC Minas. Contato: rteixeira@pucminas.br.

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar a estreita relação entre Turquia e Estados Unidos da América (EUA) e a geopolítica da Guerra Fria. Analisar essa relação ajuda compreender a posição da Turquia como país de contenção à expansão soviética durante o conflito bipolar. Esse trabalho traz o recorte temporal considerando o período de 1947/1989. O ano de 1947 marca o início formal da Guerra Fria tendo alguns documentos, discursos e políticas que funcionaram como uma “declaração de guerra” por parte dos estadunidenses. O discurso do presidente Truman, anunciando o apoio aos países ameaçados pelo totalitarismo da URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas); o plano Marshall, uma ajuda financeira para reconstrução da Europa, destruída pela guerra e o artigo lançado na *Foreign Affairs*, sob o pseudônimo X, afirmando e confirmando quem era o inimigo a ser combatido. O artigo buscou apresentar como referencial teórico o uso da geopolítica, principal elemento motivador da relação entre EUA e Turquia no período estudado. Como apontamentos finais o texto demonstra que de fato a Turquia era parte significativa do cinturão de isolamento ao crescimento soviético.

Palavras-chave: Turquia, EUA, URSS, Guerra Fria, Geopolítica.

ABSTRACT

This article aims to analyze the geopolitics of the Cold War, and one of the striking aspects was the close relationship between Turkey and the United States of America (USA). Analyzing this relationship helps to understand Turkey's position as a country to contain Soviet expansion during the bipolar conflict.

This work has a temporal cut considering the period of 1947/1989. The year 1947 marks the formal beginning of the Cold War with some documents, speeches and policies that functioned as a “declaration of war” by the Americans. President Truman’s speech, announcing support for countries threatened by totalitarianism in the USSR (Union of Soviet Socialist Republics); the Marshall plan, a financial aid for the reconstruction of Europe, destroyed by the war and the article published in Foreign Affairs, under the pseudonym X, affirming and confirming who the enemy was to be fought. The article sought to present as a theoretical reference the use of geopolitics, the main motivating element in the relationship between the USA and Turkey in the period studied. As final notes, the text demonstrates that in fact Turkey was a significant part of the Soviet growth isolation belt.

Key words: Turkey, USA, USSR, Cold War, Geopolitics.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo analizar la estrecha relación entre Turquía y los Estados Unidos de América (EE.UU.) y la geopolítica de la Guerra Fría. Analizar esta relación ayuda a comprender la posición de Turquía como país que contuvo la expansión soviética durante el conflicto bipolar. Este trabajo presenta un marco temporal considerando el período 1947/1989. El año 1947 marca el inicio formal de la Guerra Fría, con algunos documentos, discursos y políticas que actuaron como una “declaración de guerra” por parte de los estadounidenses. el discurso del presidente Truman, anunciando el apoyo a los países amenazados por el totalitarismo de la URSS (Unión de Repúblicas Socialistas Soviéticas); el plan Marshall, ayuda financiera para la reconstrucción de Europa, destruida por la guerra y el artículo publicado en Foreign Affairs, bajo el seudónimo X, en el que se afirma y confirma contra quién se debe combatir. El artículo buscó presentar como referente teórico el uso de la geopolítica, principal elemento motivador de la relación entre Estados Unidos y Turquía en el período estudiado. Como notas finales, el texto demuestra que Turquía fue, de hecho, una parte importante del cinturón de aislamiento para el crecimiento soviético.

Palavras-chave: Turquía, EE.UU, URSS, Guerra Fría, Geopolítica.

INTRODUÇÃO

O artigo analisou a relação entre dois Estados relevantes no cenário Internacional: Estados Unidos da América (EUA) e Turquia. Buscou compreender como a situação dos países supracitados durante a Guerra Fria foi impactante e apresentou os efeitos causados por esse processo nas Relações Internacionais (RI). Esse período da história mundial, compreendido aqui de 1947 a 1989, foi marcado pela disputa “ideológica” entre as superpotências: EUA x URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas). Assim sendo, uma escolha metodológica foi o uso do referencial teórico geopolítico, a partir desse olhar a pesquisa buscou compreender o sentido e a entrada da Turquia no episódio, devido ao caráter estratégico-militar do conflito.

Este trabalho tem como pergunta-problema: Qual a importância da Turquia como Estado de contenção, para os EUA, durante a Guerra Fria? As hipóteses apresentadas a seguir deverão ser debatidas na última seção deste trabalho: a localização e a posição geográfica da Turquia possibilitam sua ligação aos países do centro, principalmente aos EUA

e lhe proporcionam hegemonia local; nessa condição, a Turquia foi parte do plano estadunidense de contenção da União Soviética na Guerra Fria; além disso, exerceu também o papel de contenção político-estratégica dos países do Oriente Médio frente ao chamado “Ocidente”. O objetivo do trabalho foi analisar a relação geopolítica e geoestratégica entre Turquia e os Estados Unidos para compreender a contenção à expansão soviética. Os objetivos específicos são: estudar as características históricas da Guerra Fria; debater teoricamente a aplicabilidade da geopolítica nas Relações Internacionais; analisar a relação Turquia e EUA na Guerra Fria.

A geopolítica nasceu dos estudos da Geografia Política Clássica, tendo sido influenciada por três grandes escolas: a alemã, a francesa e a anglo-saxônica. O termo foi originalmente criado por um sueco germanófilo de nome Rudolf Kjéllen em 1905, apesar de não serem atribuídos a este autor os fundamentos epistêmicos da disciplina. Ao aprofundar as análises da Geografia Política, a geopolítica inclui em seus estudos a questão estratégica, assuntos de guerra, ideologias e o serviço aos Estados. Amorim Filho (1991 e 2003) e Duarte (2023) defendem que a geopolítica além de ser uma subárea da geografia é considerada uma interseção entre três disciplinas: as Ciências Políticas, as Relações Internacionais, e a História. Nesse ponto, dialoga com Parker (1998), que entende a geopolítica como o estudo das relações internacionais de uma perspectiva espacial ou geográfica.

Dois conceitos necessários para a reflexão são expansão e contenção. A partir desses conceitos pode-se pensar, por um lado, o desejo da URSS em difundir e expandir a ideologia socialista. Por outro lado, o desejo expresso de conter o avanço dessa política por parte dos EUA. O socialismo era uma perspectiva política embasada pelo marxismo. Por motivos diversos, que não cabem análises nesse trabalho, seguiu uma trajetória, no mínimo contestável, se comparada àquela pensada e organizada por seu teórico principal, Karl Marx. Assim, a política de contenção, adotada pelo governo estadunidense e seus aliados, foi impulsionada por teóricos das RI, alinhados a vertente realista e por geopolíticos. Conforme Costa (2010), as teorias não são utilizadas inocentemente, todas têm algum direcionamento político, estatal-nacional, cultural ou socioeconômico. Com essa perspectiva, as formulações (teorias e conceitos) da geopolítica ajudam a observar a participação desses atores na política estatal da guerra. Duas ideologias opostas que traduziam interesses semelhantes, a dominação.

Havia outras perspectivas, que balizavam a ideia de contenção na formulação da política externa do governo estadunidense, que debatia internamente quais as estratégias deveriam ser adotadas: conter os soviéticos ou destruí-los? No início do conflito havia um acordo de não interferência entre as duas potências. Assim os EUA protegiam suas áreas e a URSS defendia suas zonas de influência, sem que ninguém pudesse promover intervenções em espaços já pré-determinados no final da Segunda Guerra, conforme afirma Pecequillo (2005). Sabe-se, contudo, que esse acordo não foi respeitado, gerando diversos momentos de tensão no sistema bipolar à época.

Para desenvolver a estratégia da contenção o Governo estadunidense criou algumas Organizações Internacionais que pudessem auxiliar na viabilização do processo. O desejo era auxiliar os países que ainda não estavam sob a influência soviética a se manterem “livres, democráticos e em paz”. No entanto, a dúvida pairava: quais seriam esses países e como se daria a ajuda? Nesse contexto surgem algumas políticas como a Doutrina Truman e Plano Marshall, ambas em 1947, conforme (Visentini, 1996), além da criação de organismos como a OTAN (Organização do Tratado Atlântico Norte), entre outros. Nesse ponto teve início a relação com a Turquia. A participação dos turcos em organizações multilaterais, tem significado geoestratégico, considerando a teoria de Nicholas Spykman (1944) a Turquia estaria exatamente de dentro do Rimland, que será explicado no decorrer do artigo.

As seções que compõem o desenvolvimento do artigo são três. A primeira é Relatos da Guerra Fria, na qual se dá a contextualização histórica. Nessa pesquisa, adotou-se o ano de 1947 como início da Guerra Fria tendo como base documentos, discursos e formulação de políticas, que funcionaram como uma espécie de “declaração de guerra” dos estadunidenses aos soviéticos. Os documentos e fatos foram: o discurso de Truman, anunciando apoio aos países ameaçados pela URSS; o plano Marshall, ajuda para reconstrução da Europa pós-guerra e o artigo publicado na *Foreign Affairs* sob o pseudônimo, X, informando quem seria o verdadeiro inimigo a ser combatido pelas forças capitalistas.

A segunda seção é Geopolítica e Relações Internacionais na Guerra Fria, na qual são analisadas a geopolítica anglo-saxônica. Dessa escola serão estudados o britânico Sir Halford Mackinder, e o estadunidense Nicholas Spykman, sendo esses, os dois principais teóricos. Mackinder foi criador da teoria do Heartland, o Coração Continental, expressa no poder terrestre. Já Spykman (1944) é o responsável pela teoria do Rimland, uma síntese do poder terrestre e do poder marítimo que formaria um anel em torno do Heartland de forma a conter sua expansão de poder.

A terceira seção é Turquia e EUA na Guerra Fria. No âmbito geopolítico a Turquia desempenha função relevante tanto no aspecto da segurança, quanto para a economia global. A localização turca significa a ligação entre dois mundos, o Oriente e o Ocidente. Sua posição geográfica a coloca como parte de quatro locais sensíveis na política internacional: Oriente Médio, Balcãs, Cáucaso e o Mar Negro. Para estudar a Guerra Fria, conflito que representava sociedades e projetos sociais antagônicos na visão de Halliday (1999), deverá ser abordado tanto aspectos empíricos, quanto debates teóricos. Um caso clássico desse período foi a crise dos mísseis em outubro 1962, conforme Allison e Zelikow (1999), um evento que marcou a história da Guerra Fria e outro já no período em que o conflito havia terminado foi a coalizão na guerra do Iraque. Esses momentos permitem avaliar a relação entre os dois atores estudados nesse trabalho.

E nas Considerações Finais serão avaliadas finalmente a relação entre EUA e Turquia e a consequência dessa parceria para as RI no atual cenário internacional.

RELATOS DA GUERRA FRIA

A Guerra Fria teve seu início logo após o término da II Guerra Mundial, contudo, desde o final do século XIX, os ingleses já mantinham certo nível de preocupação com a Rússia (Mackinder, 1919). O século XX teve seu início marcado por outro episódio que colocou os russos em destaque, a revolução de 1917, fato também incorporado na análise da Guerra Fria, pois, apresentava naquele momento um modelo alternativo ao Capitalismo. Diante desses fatos pode-se afirmar que o mais importante evento político e diplomático do Pós – II Guerra foi construída ao longo de um delicado processo histórico. Prova disso, a diplomacia americana reconheceu a URSS apenas em 1933. Uma guerra diferente das demais, pois, não houve o duelo de fato, não abertamente entre as duas potências, mas por vezes, como em 1962, o mundo se viu próximo de um conflito nuclear.

Durante a II Guerra, EUA e URSS estiveram do mesmo lado na batalha contra o Eixo, no fim desse período as diferenças reapareceram e se acentuaram. A hegemonia dos EUA marcou as duas décadas pós II Guerra Mundial. Assim a força de Wall Street e do Pentágono fizeram o mundo experimentar o que ficou conhecido como a Pax Americana. As décadas de 1950 e 1960 foram marcadas por crises diversas no contexto da bipolaridade, uma dessas foi a questão da independência dos países africanos. A economia americana respondia por uma média de 60% da produção mundial e buscava a queda dos principais concorrentes, principalmente da Europa. A URSS, apesar de debilitada, gozava de prestígio, pois, havia derrotado o Exército Nazista, que buscava conquistar parte do Heartland (Hobsbawm, 1995).

Cientes da ambição soviética por influenciar o Oriente Médio, os estadunidenses conseguiram algumas vitórias pontuais ainda em 1946. Nesse ano os soviéticos tentaram controlar o petróleo no Irã além de exercer forte pressão sobre a Turquia pelo controle dos Estreitos Bósforo e Dardanelos. O governo dos EUA exigiu e conseguiu a saída da URSS do território Iraniano; nisso defendiam a importante questão energética do petróleo, até aquela data dominada pela Inglaterra. As discussões em torno das fontes de energia já eram relevantes para o Planeta. No caso da Turquia, diante da pressão soviética em relação aos estreitos, o auxílio e intervenção da Casa Branca seria essencial. Na Grécia, havia a suspeita da “Insurgência Comunista”, os ingleses ainda desestruturados também solicitaram ajuda dos EUA para controlar os conflitos no território grego.

A política de contenção teve sua empiria esboçada por George Kennan (1947), diplomata americano na Rússia. Kennan enviou um telegrama ao Departamento de Estado e nesse documento deixou claro quais eram os desejos soviéticos: dizia que a pressão de Moscou por expandir seu poder deveria ser parada com uma firme e vigilante contenção. Sua advertência foi reforçada com um artigo publicado na *Foreign Affairs*, revista de RI nos EUA. O Título do artigo era *The sources of Soviet Conduct* que foi publicado originalmente sob o codinome X em 1947. Segundo Kissinger (2001a) esse artigo tinha uma conotação muito filosófica, mas foi sem dúvida um dos pilares da estratégia de contenção.

Em 1947 o Presidente Truman fez uma visita ao Congresso Americano e em seu discurso solicitou \$400 milhões. Essa significativa ajuda seria dividida entre os países da Europa, tinha viés “econômico”, e seria repassada também à Grécia e Turquia, iniciava-se assim a Doutrina Truman. Conforme Pecequillo (2005), a política de contenção tinha a importância de uma missão religiosa para os americanos. A autora entende que a fundamentação da estratégia foram os seguintes documentos: o texto lançado pela *Foreign Affairs*, a NSC 20 (National Security Council) de 1948 e a NSC 68 de 1950, além do discurso de Truman no Parlamento. Kissinger (2001a) afirma que a questão moral perpassou os documentos basilares da política de contenção, a NSC 68 e o artigo de Kennan (1947). Para os americanos as derrotas morais eram mais perigosas que as militares.

Também no mesmo ano um dos Ministros do Governo Truman elaborou a política que deveria recuperar a economia europeia, o Plano Marshall. “É lembrada geralmente como uma das mais bem-sucedidas iniciativas de política externa na história dos EUA” (Hogan, 2011, s/p, tradução nossa)³. Os dois planos estadunidenses, Plano Marshall e Doutrina Truman, lançaram as bases para as organizações, a OTAN deveria completar a aliança econômica e a contenção militar. Internamente os formuladores da PE (política externa) americana viam na criação de agências a solução para organizar e atender às demandas da nova situação mundial. No aspecto geopolítico, naquele momento, a Alemanha se constituiu num problema especial para os EUA. O país de Hitler foi dividido em quatro zonas de influência (EUA, França, Inglaterra e URSS). O governo de Washington temia perder Berlim, posteriormente a Alemanha e finalmente a Europa. Rapidamente a Guerra Fria se espalhou pela Ásia e Oriente Médio, resultado da busca por influência. Dois países na Ásia causaram preocupação aos EUA. A China, onde triunfou sua revolução em 1949, e a Coreia do Norte.

Em 1950 Truman autorizou o aprofundamento dos estudos para a criação de uma nova Bomba de Hidrogênio e reverteu a NSC 68 para o que ficou conhecido como a Política de Retaliação Massiva. Assim sendo, usaria as armas nucleares caso algum aliado ou qualquer interesse estadunidense fosse atacado por inimigos, contudo, até aquele momento histórico a URSS não possuía armas de destruição em massa. Esse documento teve, portanto, o objetivo de ampliar a contenção, organizar a mobilização para a guerra e militarizou a Política Externa (Pecequillo, 2005). Na visão, lançada pelo documento, a URSS desejava conquistar a Eurásia, avançar sobre o Atlântico e o Pacífico e chegar de vez ao Ocidente. A NSC 68 definia estratégias para impulsionar o poder americano e dos aliados diante dos soviéticos.

A contenção tinha então três principais objetivos: conter o crescimento da URSS; conter a ideologia comunista e difundir a ideologia capitalista, através do livre mercado e democracia. Em 1953 o Governo de Eisenhower, republicano, entendeu que a estratégia da Contenção não estava adequada e que dessa forma não seria capaz de conter a expansão soviética. O conflito terminaria apenas quando uma das partes estivesse completamente derrotada. Também internamente o país foi afetado, o peso da propaganda dentro do país provocou o que ficou conhecido como

3. It is generally regarded as one of the most successful foreign policy initiatives in US history.

o Pânico Vermelho. Para Pecequillo (2005), o período de 1947 a 1962 ficou caracterizado como a 1ª fase da Guerra Fria, marcada pela confrontação, em nenhum outro momento histórico os EUA demonstraram com tamanha ênfase seu poder.

O Terceiro Mundo emerge principalmente em 1955, como resultado do fim da II Guerra e do colonialismo. Esses fatos foram delineando a Guerra Fria, o que fez mudar novamente os rumos das Relações Internacionais após o seu término em meados de 1991. Os EUA adotaram a estratégia regionalista de modo que pudessem garantir a ordem e a estabilidade no cenário internacional. Com isso, buscavam também impedir o crescimento de adversários ou qualquer outro poder que pudesse confrontá-los. A presença global americana enfraqueceu a URSS – isolando-a, fato que posteriormente levaria à sua derrota.

Para os republicanos a política de Truman era considerada branda e conivente com o crescimento soviético, já no governo Eisenhower a contenção foi elevada a uma maior atividade e pragmatismo, deixa de ser uma política antissoviética para ser anticomunista (Pecequillo, 2005). Nesse período surgiu, o já mencionado, movimento do Terceiro Mundo, reunindo países não-alinhados e esses Estados adotam posturas de acordo com as ideologias/interesses de seus líderes. Com isso novos riscos e desafios surgiram, um exemplo disso são as guerras étnicas que explodiram no Continente Africano. Com a chegada de Kennedy à presidência em 1961, os investimentos em armamentos são incrementados, o período marcou o início da 2ª fase da Guerra Fria.

Contudo, logo no segundo ano de governo, o presidente Kennedy enfrentaria a Crise dos Mísseis em Cuba, após a resolução desse evento teve início a fase de Coexistência. O Terceiro Mundo se tornou o centro das atenções, na América Latina qualquer país que esboçasse alguma tendência comunista era “visitado” pela CIA (Agência de Inteligência Americana). Para intensificar a vigilância houve também cooperação financeira: a Aliança para o Progresso foi o símbolo desse objetivo de influenciar a América Latina, também pela via econômica, fato que não foi diferente na Turquia. Em meados de 1973 a contenção foi duramente questionada, pelos episódios do Vietnã, década marcada também pelo enfraquecimento econômico dos EUA. Esses dois fatores somados abalaram a liderança global americana.

Como resposta à crise dos anos 1970, foi elaborada a estratégia da *détente* -, uma disputa geopolítica que almejava novo alcance, caráter e flexibilidade para a diplomacia americana. Os EUA passaram a reconhecer o crescimento e valor dos soviéticos. A formulação dessa Política Externa promoveu uma mudança estratégica de hegemonia para liderança e a busca pela multipolaridade, sem *comprometimento* incondicional. Com isso, a ideia era diminuir as tensões com a URSS trazendo para a cena novos atores internacionais, promoveu assinatura de acordos com a China para impedir qualquer projeção de poder na região do Pacífico. Assim sendo a estratégia volta a ser antissoviética, não mais anticomunista (Pecequillo, 2005).

A *détente* foi considerada uma fuga à tradição americana, por isso, não foi consenso entre liberais, nem conservadores. A diferença entre as

estratégias era: a contenção buscava a destruição do inimigo e a pressão; a *détente* buscava a convivência e normalidade. Essa situação durou até o ano de 1979, quando a URSS invadiu o Afeganistão, fato que provocou o retorno à política mais ofensiva. Com a queda de Nixon, devido a um escândalo interno, e após o curto governo Ford, Jimmy Carter assume promovendo a reformulação da contenção. Dessa vez, no entanto, optando por uma política de maior abertura econômica, política e social, incorporou novos temas à agenda, diálogo com os países do “terceiro mundo”, abertura à discussão dos direitos humanos e outros temas de relevância global.

Outro momento de transformação na política internacional foi a chegada de Ronald Reagan à Casa Branca. Nesse governo a relação com a URSS foi modificada, sendo apresentada uma tendência ao endurecimento, o que não ocorreu de fato. Nos quatro anos seguintes houve um maior relaxamento das tensões também em virtude das mudanças no Governo Comunista, com Gorbatchov sendo considerado entreguista e traidor. Por outro lado, a URSS sofreu prejuízos políticos, econômicos e militares ao invadir o Afeganistão, Pecequillo (2005) afirma que foi para os soviéticos como o Vietnã para os americanos. Um dos primeiros sinais de queda do Bloco liderado pelo Kremlin foi o abandono da corrida armamentista. Gorbatchov promoveu duas políticas de abertura, Glasnost e Perestroika; a primeira deveria reformar a política e a segunda reformar a economia socialista. Contudo, já era demasiado tarde. Após uma série de crises internas, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas caiu – determinando, em tese, o fim da Guerra Fria.

GEOPOLÍTICA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS NA GUERRA FRIA.....

A vertente teórica geopolítica teve seu início marcado na transição do século XIX para o XX. Os teóricos clássicos são: Frederich Ratzel, Karl Haushoffer, Halford Mackinder, Rudolf Kjellen, Alfred T. Mahan e Nicholas Spykman. E ambos estavam ligados às duas principais escolas da geopolítica: a anglo-saxônica e a germânica. A Escola anglo-saxônica teve sua origem ligada ao pensamento de Mahan, seguido por Mackinder e Spykman. A diferença entre Mahan, Mackinder e Spykman pode ser explicada da seguinte forma: o primeiro a tese – poder marítimo; o segundo a antítese – poder terrestre; o terceiro a síntese – poder marítimo e terrestre. Alfred T. Mahan – formulou a geoestratégia de poder marítimo, historiador naval americano viveu no período de 1840 – 1914. Mahan era um admirador do poder marítimo britânico e acreditava que uma grande nação deveria ter frotas fortes e vários pontos de controle nos mares e oceanos. Depois de Mahan os EUA se tornaram uma potência marítima, ele buscou formas de imitar o poder britânico. Sua obra principal foi *Influence of sea power upon history* (Amorim Filho, 1991; Amorim Filho, 2003; Duarte, 2023).

A geopolítica se utiliza dos conhecimentos espaciais (geográficos) e políticos para agregar poder ao Estado. A geopolítica alemã teve sua origem nos tempos do Império de Napoleão, seria, para os alemães, uma espécie de “anti-napoleonismo”. Trazia ainda em sua origem a necessidade de unificação da Alemanha e a importância de se criar um império

alemão consistente, forte. Para isso, era preciso uma convicção, de que não há geopolítica sem história, não há geopolítica sem política e claro sem a geografia. As principais aplicações, em atividades formais, da geopolítica são: pesquisa e ensino escolar, mídia e comunicação, serviços militares e segurança. Ela pode ser utilizada para assessorias políticas e estratégicas, órgãos governamentais formais, organizações internacionais e transnacionais. No campo das atividades informais, pode ser utilizada para serviços de inteligências, centros de comando de movimentos, guerrilhas e movimentos revolucionários, atividades criminosas e migrações clandestinas (Amorim Filho, 1991; Amorim Filho, 2003; Duarte, 2023).

Segundo Morgenthau (2003) a política e a sociedade em geral são regidas por leis objetivas baseadas na natureza humana. O interesse humano, aqui conduzido para o objetivo estatal, é definido em termos de poder. Os políticos pensam e moldam suas ações para alcançar o poder, a dominação seja de sua nação ou de nações estrangeiras. Por isso Morgenthau vai ser enfático em dizer que não interessa, a princípio, conhecer as convicções políticas do condutor da Política Externa. É mister conhecer a priori sua capacidade intelectual, pois, assim pode se perceber o que ele fará em termos de relações internacionais. O debate americano no período pós-guerra girava em torno de uma política isolacionista contra a política externa expansionista, os idealistas contra os realistas. Spykman, homem hobbesiano e maquiavélico, estava filiado à P.E. intervencionista, ao realismo das Relações Internacionais e à Geopolítica. Naquele período, sob o ponto de vista realista, o sistema era belicoso, anárquico e demonstrava a força dos Estados Nacionais.

Os pensadores da política de autocontenção isolacionista argumentavam que a defesa deveria ser organizada no próprio território ou hemisfério, com base no poder parador das águas. Para Spykman era necessário avançar a defesa e posicioná-la do outro lado do Atlântico e do Pacífico, para evitar aproximação do poder inimigo. Ele pensava a geopolítica de forma abrangente e via a posição dos EUA tanto em relação à América Latina, quanto à Europa como sendo de sua exclusividade. Acreditava que a Política Internacional do século XX seria definida em termos de poder pelo domínio da Eurásia pelos norte-americanos ou vice-versa, em jogo de equilíbrio de forças global e não apenas regional (Melo, 1999).

No início do século XX, Japão e Reino Unido conseguiram impedir a expansão da Rússia. Na Segunda Guerra de um lado estavam Alemanha e Japão, do outro EUA, Rússia e Reino Unido, caso alemães e nipônicos vencessem o conflito formariam um fortíssimo poder anfíbio. No caso de unificação da Eurásia pelos dois poderes imperiais a única solução para os EUA seria a integração política e econômica do continente americano, pensou Spykman (1944), uma ideia semelhante às pan-regiões de Haushofer. Para Spykman não seria interessante para o poder americano uma Europa federada, sua intenção era de promover poderes divididos e equilibrados no continente. Depois de sua morte foi publicada a obra “A Geografia da Paz” que apresentava a teoria do Rimland. O Rimland substituiria o Inner Crescente que contornava o Heartland. O ideal seria uma geografia anfíbia, com uma frente no oceano e outra no continente, uma zona amortizadora entre os poderes conflitantes marítimos

e terrestres. Para Spykman a história demonstra que Rússia e Inglaterra sempre lutaram contra poderes saídos do Rimland, portanto, pensava que no Rimland estava localizada a ameaça (Melo, 1999).

Mackinder, por outro lado, buscou sempre preparar estratégias para destruir os inimigos do Império Britânico. Suas teorias davam conta de que um poder terrestre muito forte que caso se juntasse a um poder marítimo destruiria a força britânica. Por influência de Ratzel – era também organicista. Em 1904 Mackinder cria a Teoria do Coração do mundo (Heartland), uma massa continental eurásiana. Para ele quem controlasse o Heartland e se aliasse a uma potência naval seria invencível. Em 1943 o estrategista acrescenta uma parte da China na Heartland, criando assim a teoria da periferia do mundo – Hinterland. O Heartland seria na visão do autor uma vasta área de planícies inacessível para qualquer poder marítimo. O temor era que um poder terrestre poderia rivalizar com o poder marítimo britânico. Entendia que o Estado que controlasse o Heartland poderia controlar o mundo. Segundo Melo (1999), na primeira formulação o Coração Continental de norte a sul estendia-se das costas do Oceano Ártico aos desertos da Ásia central. No sentido Leste-Oeste englobava todo território russo até o Mar Báltico. Com o desenrolar da guerra e os fatos que pôde observar, Mackinder repensou suas formulações e em 1943 publicou novo artigo na *Foreign Affairs* com o título: *The Round World and the winning of the peace*.

O Coração Continental na primeira formulação em “1904 abrangia 23 milhões de km², o Heartland de 1943 foi reduzido a 13 milhões de km²” (Melo, 1999, p. 63). Foi retirado da formulação grande parte do território russo. Vale ressaltar que o conceito era estratégico, portanto, seus limites não são fixos, a história só é o que é por causa da Geografia. É em virtude do Coração Continental que surge uma das mais famosas frases de Mackinder, conforme mencionada a seguir. A World Island (Europa, Ásia e África) formavam um único grande continente, o grande oceano, “quem domina a Europa Oriental, controla o Heartland; quem domina o Heartland controla a Word Island; quem domina a Word Island controla o mundo” (Mackinder, 1948, p.183).

Nos Estados Unidos aumentava o debate no nível acadêmico e político sobre a participação do país nas questões da política internacional. Segundo Melo (1999), Nicholas Spykman, participou do debate ativamente e se posicionou a favor do realismo e da ideia de intervenção. Perturbados com o alcance da geopolítica alemã os EUA buscavam formular sua geopolítica com perspectiva diferente. Pensavam uma abordagem mais “ética e política”, afirma Costa (2010). Spykman (1944) numa posição realista rompe com essa característica e defende a geopolítica mais agressiva e que atenda às pretensões de uma potência. Para o autor, o ideal nas relações internacionais seria o equilíbrio de poder, não tratados e acordos.

Para Spykman (1944) a guerra psicológica e a propaganda podem transformar o conflito entre Estados numa guerra entre nações. Em seus trabalhos Spykman sugere que os EUA formulem o mercado único com os países da América do Norte, Central e do Sul. Chamou a atenção principalmente para o eixo ABC (Argentina, Brasil e Chile), que tinha

seu comércio mais voltado para a Europa. Assim além do comércio forte poderia ser criado um sistema de defesa único. Com base nas duas teorias Spykman (1944) criou a teoria do Rimland, um anel em torno do heartland, que teria a função de conter o poder, ou o crescimento do poder, no coração continental.

Em torno dessa massa continental, desde a Grã-Bretanha até o Japão, e entre continente do norte e os dois continentes do sul, segue-se o grande caminho circunferencial do mundo. Este caminho parte dos mares internos e marginais da Europa Ocidental (o Báltico e o mar do Norte);... cruza o mar Vermelho,... o Indico... e termina finalmente no Mar de Okhotsk (Spykman, apud Costa, 2010, p. 173).

TURQUIA E EUA NA GUERRA FRIA

A Turquia é um país relativamente grande, quando comparado aos países da Europa, segundo (Fernandes, 2005). Possui uma extensão territorial de aproximadamente 769.000 km², controla dois estreitos, o Bósforo e o Dardanelos, tem uma população de aproximadamente 82 milhões. Sua fronteira tem extensão de 2.648 km, e está ligada com 08 (oito) países bem diversos em termos de cultura, e segurança: Armênia, Geórgia, Síria, Irã, Iraque, Bulgária, Grécia e Chipre. A Turquia pertence geograficamente à Europa, Oriente Médio, Ásia, Cáucaso, Mar Negro, Mediterrâneo e Balcãs. É com base nessa diversidade que este texto busca apresentar as possibilidades desse Estado (Zahreddine; Lasmar; Teixeira, 2012).

Para Kissinger (2001a) os americanos dominavam o “ar” e as “águas”, mas os soviéticos dominavam o Heartland, ou seja, a força terrestre soviética seria quase imbatível. Nesse ponto a Turquia seria importante aliado, pois possuía o poder anfíbio, força terrestre e a marítima. Na visão moral do conflito, os soviéticos seriam, para os EUA, homens sem escrúpulos e precisavam antes de tudo ser “convertidos”, o que se evidencia nos escritos de Kennan (1947). Kissinger destaca que em seus anos iniciais a contenção era marcada por três aspectos, o militar, o moral (correção do caráter) e o missionário, o ideal de salvar o mundo.

Segundo Harris (1972), a relação entre Turquia e EUA surgiu de uma união bem pensada e planejada, pois cada país tinha interesses específicos nessa situação. Para compreender a relação entre os países é necessário resgatar alguns tópicos importantes da formulação e execução de Política Externa. Muitas decisões na política internacional são tomadas com base nessas abordagens e contribuem para melhor compreensão do processo decisório e por que determinadas escolhas ocorrem.

Para Cintra e Pereira (2009), o processo de tomada de decisão em Política Externa está diretamente ligado aos Poderes Executivo e Legislativo. Como há vários interesses de grupos específicos em jogo, a relação entre os poderes ocorre, muitas vezes, fora do âmbito oficial/tradicional. A P.E. americana é desenvolvida basicamente com a intervenção dos grupos de interesse, lobbies e tomadores de decisão, ligados ao Executivo e Congresso. Na história das relações entre EUA/Turquia a presença dos lobbies foi sentida, no caso do Chipre com a atuação do Lobby Grego que fez por algum momento a situação ficar balanceada favoravelmente para Chipre diante da disputa com os turcos.

Com o fim do Segundo Conflito Mundial existia o temor de que os soviéticos fizessem da Turquia outro de seus países membros. A URSS manifestava ainda o desejo de renovar os acordos oriundos do Tratado de Montreux (1936) sobre a utilização dos estreitos turcos. Segundo Fernandes (2004) a relação com a URSS teve para a Turquia dois momentos distintos: entre 1919 e 1922, Lenin subsidiou a luta turca enviando-lhe armamento e propiciando apoio político. Já no período pós - Segunda Guerra, o desejo de expansão soviética empurrou a Turquia para as alianças ocidentais. Esse alinhamento foi estratégico, pois a URSS tinha por objetivo a conquista de parte do território turco, além da saída para os oceanos quentes. Isso explica a aproximação turca com o governo americano no período da Guerra Fria.

Na metade do século XX assiste-se no cenário internacional à inversão de papéis entre EUA e Inglaterra. Os EUA após a Segunda Guerra se afirmaram como a grande potência mundial, posição antes ocupada pelos ingleses. E uma das principais preocupações era diminuir a influência britânica no Oriente Médio, fruto de acordos inclusive com a Turquia (Rodríguez, 2003). Outro desejo era impedir o crescimento soviético, tanto para o Ocidente, como para o Oriente, uma das formas de controlar esse avanço comunista seria através da utilização das alianças militares, como a OTAN, além de vários acordos bilaterais. A contenção seria o fator essencial para impedir esse avanço. Como ressalta Kissinger (2001a) a Turquia por sua localização tinha grande importância para as pretensões estadunidenses.

Durante a II Guerra Mundial a relação entre EUA e Turquia permaneceu morna e a relação turca com a URSS esfriou, pois, o sonho soviético da utilização e/ou posse em definitivo dos estreitos ainda era forte. Em 1941, após ser atacada pelos alemães, a República socialista deixou em segundo plano a ideia de obter o acesso aos mares quentes. Durante a guerra houve na Turquia considerável aumento na simpatia em relação à Alemanha e esse fato incomodou aos soviéticos. Moscou questionou a neutralidade turca e no final da II Guerra a desconfiança e as várias suspeitas ditavam o tom na relação entre os dois Estados, que vivenciaram conflitos históricos no passado. Com essa situação a Turquia também se colocava ainda mais na defensiva em relação ao Kremlin.

No ano de 1945, segundo Oran (2010) foi elaborado um documento pelo Departamento de Estado americano que definia a relação turco-americana como amigável e pacífica. O documento elencava os princípios que deviam nortear essa amizade: 1 – A liberdade das pessoas para escolherem livremente seu sistema de participação social, político, religioso e econômico; 2 – Igualdade de oportunidade no comércio; 3 – Liberdade para publicação, organização e reunião; 4 – Preservação das instituições de ensino americanas em operação na Turquia; 5 – Proteção dos direitos dos nacionais americanos. Os dois primeiros princípios são os pilares do capitalismo, o terceiro é base da economia liberal e os dois últimos são reflexos do imperialismo estadunidense (Oran 2010).

A Turquia devia manter-se livre da influência soviética e os Estreitos estavam entre os pontos de maior importância estratégica no período. Ainda naquele ano o Departamento de Estado e a Marinha dos EUA

afirmavam que os Estreitos deveriam permanecer abertos em tempos de paz e fechados em situações de conflitos. Assim, mesmo estando de fora dos acordos da Convenção de Montreux os americanos já influenciavam a Turquia.

Em 1945 um fato colocou em risco parte dos territórios da Turquia. A Geórgia reivindicava uma vasta quantia de terras turcas com apoio da URSS. Naquele momento a Turquia cobrou o posicionamento dos aliados EUA e Reino Unido em sua defesa. A princípio os americanos foram favoráveis aos turcos, em seguida os britânicos também se manifestaram a favor, pois não desejavam ver aumento da influência soviética. Em virtude do Tratado de Amizade de 1939, entre Inglaterra e Turquia, os ingleses se mantiveram ao lado dos interesses turcos. Ainda em 1945, no mês de dezembro, houve desentendimentos entre Washington e Moscou, os americanos estavam certos de que era intenção da Rússia atacar a Turquia. Em abril de 1946 o Presidente Truman fez uma declaração dizendo que a soberania e a integridade dos países do Oriente Médio não deviam ser ameaçadas pela coerção nem pela penetração (Oran, 2010).

Em 1946 houve um acordo entre Ancara e Washington, no qual o Presidente Truman perdoou todos os débitos da Turquia com os EUA, existentes até aquela data. Isso foi fundamental para a economia turca e para a relação entre as nações. Mas nesse ano, os soviéticos enviaram duas solicitações à Turquia exigindo a revisão no Regime de controle dos Estreitos. Foi para os turcos um ano de intensa pressão soviética. E os EUA em parceria com a Inglaterra intervieram e impediram o acesso da URSS aos Estreitos depois de muita resistência turca. Segundo Oran (2010), a posição americana não era de defesa da Turquia, mas sim, com foco em resguardar os interesses estadunidenses contra a dominação da URSS.

Para dar um sinal de seu apoio, os EUA enviaram à Turquia um navio de guerra portando o corpo de um diplomata turco que havia falecido nos EUA. No mês de março de 1946 a Turquia solicita um empréstimo aos bancos americanos e foi informada que provavelmente receberia \$25 milhões. Em outubro do mesmo ano, já no calor da Guerra Fria, os turcos receberam uma significativa ajuda de \$500 milhões de dólares, a Inglaterra ainda exercia influência nos rumos da política turca e o “auxílio” americano tinha claramente o desejo de reduzi-la. Com essa parceria o “recado” estava dado também aos soviéticos, que no final de 1946 diminuíram a pressão sobre o país do Bósforo e do Dardanelos. Na política doméstica turca surge nesse período o Partido Democrata (PD), oposição ao Partido Republicano do Povo (PRP). O PD inicialmente caracterizado como partido opositor seguirá a mesma linha de amizade adotada pelo PRP em relação aos EUA.

Conforme avalia Rodriguez (2003), o movimento que insere de vez a Turquia dentro do Bloco Ocidental depois de iniciada a Guerra Fria, foi o determinante discurso do Presidente Truman no Congresso em 12 de março de 1947. Nesse período a Grécia passava por crises internas. Greves, inflação alta, distúrbios e conflitos civis, havia a suspeita de presença comunista no país Helênico. A Doutrina Truman foi considerada uma espécie de plano de resgate, pois teve como objetivo evitar que a

4. The Truman Doctrine marked the end of the first phase of Turkey's search for security.

Turquia fosse absorvida pelos soviéticos. “A Doutrina Truman marcou o fim da primeira fase da procura da Turquia por segurança”⁴ (Harris, 1972, p. 28, tradução nossa). E acrescenta-se, o início da busca americana por poder mundial. Apesar disso à época muitos turcos não concordaram com o apoio americano o que provocou várias disputas domésticas. Sob a Doutrina Truman a ajuda era, sobretudo, para reforçar, reorganizar, reequipar e principalmente modernizar as Forças Armadas.

A teoria do Rimland desempenhou papel central na formulação da estratégia de contenção dos EUA na Guerra Fria (Melo, 1999). A união turco-americana pode ser analisada através do pensamento geopolítico de Spykman, que defendia a ideia de uma linha de defesa estadunidense do outro lado do Oceano Atlântico e claro um poder anfíbio que pudesse combater o poderoso Estado do Heartland. A segurança devia ser pensada de modo a bloquear a chegada de qualquer poder inimigo nas fronteiras nacionais. Assim a Turquia seria estratégica para conter o inimigo declarado dos EUA, principalmente bloqueando a passagem pelos Estreitos de Bósforo e Dardanelos. Neste sentido, o argumento de Pecequillo (2005, p. 144) é a justificativa mais plausível.

[...] a contenção foi o guia e o referencial central para a política externa norte-americana, consistindo em sua grande estratégia durante toda a Guerra Fria.
[...] A contenção marca a história das relações internacionais em seu presente e passado mais recente, devendo-se analisar seus principais componentes, definidos ao longo de alguns documentos, textos e discursos fundamentais [...].

O passo seguinte da diplomacia turca foi buscar enquadrar o país dentro do Plano Marshall (aporte financeiro) e da OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte). Isso faria da Turquia uma nação cada vez mais partícipe de organismos pan-europeus (Rodriguez, 2003).

Quando o Plano de ajuda financeira foi lançado, as autoridades turcas se viram diante da seguinte questão: como fazer parte da ajuda? Os diplomatas e o governo souberam utilizar-se politicamente e geopoliticamente da sua posição e localização para pressionar os EUA e foram imediatamente incorporados às ajudas do Plano Marshall. Assim os norte-americanos aproveitaram a debilidade britânica para apoiar a Turquia e a Grécia, pois saíram mais fortes do conflito. Pensadores americanos viam no apoio aos turcos uma forma estratégica de ajudar a Europa. Conforme avalia Harris (1972) até o ano de 1971 as ajudas chegaram perto da soma de três bilhões de dólares. Contudo, a crítica principalmente na Turquia, é que essas ajudas foram em grande parte direcionada ao setor agrícola com objetivo de incrementar a produção de alimentos para a Europa, com pouco investimento em tecnologia.

Em 1948 foi oficializado o Pacto de Bruxelas. Em junho do mesmo ano os EUA firmaram as bases para organizar um Arranjo Coletivo de Segurança para a Europa, incorporando os países do Pacto de Bruxelas, assim estava criada a OTAN. Com isso Ancara sentiu a ameaça de ficar esquecida e ter reduzida sua relevância. Logo o governo turco começou a se articular para entrar no bloco militar, mas as dificuldades eram muitas. Diante disso, grupos internos sugeriam que a Turquia adotasse uma política de neutralidade, pois os americanos não se empenhavam adequadamente para a entrada turca no bloco. Diante do impasse, Truman

declarou que a segurança da Europa seria também a da Turquia e que com a criação da OTAN os turcos não seriam abandonados. Para que a defesa do Continente europeu se completasse seria necessária a proteção do território turco. Em 1949, apesar da sua debilidade militar e econômica, a Turquia passa a fazer parte como membro fundador do Conselho Europeu. Segundo Harris (1972) esse convite foi apenas um consolo para acalmar os ânimos.

Em julho de 1950, o Governo turco, através de Adnan Menderes decide enviar para a Guerra da Coreia um efetivo de 4.500 soldados. Chamou atenção o fato de que o envio não passou pelo crivo do Legislativo e não teve consulta à oposição, pois Menderes enxergava no conflito uma possibilidade de abertura das portas da OTAN. Em 15/05/51 EUA propuseram a entrada dos dois países (Turquia e Grécia) como membros permanentes. “De fato, contudo, a tática turca havia deixado os Estados Unidos com pouca opção de escolha”⁵ (Harris, 1972, p. 42, tradução nossa). A forte diplomacia turca, as alianças com Inglaterra e França em 1939 e a presença na Guerra da Coreia, foram os fatores que mais pressionaram os estadunidenses nesses anos.

5. In fact, however, the Turkish tactics had left the United States with little choice.

A Turquia teve sua participação na organização militar bloqueada a princípio, por ser considerada geograficamente do Oriente Médio e por seus conflitos com o Chipre, sendo que um dos opositores a essa entrada era a Grécia. Após o envio dos soldados para a Guerra da Coreia, os turcos ganharam o apoio americano para fazer parte da aliança. Para os ingleses interessava a segurança do Oriente Médio, devido aos seus interesses no Petróleo, principalmente no Irã. Para eles a Turquia seria aceita no bloco desde que em caso de conflito no Mediterrâneo fossem enviados soldados turcos para as operações necessárias. As negociações foram paralisadas no final do ano de 1951, pois os generais britânicos entendiam que a eles caberia o comando das tropas e o que o Bloco do Mediterrâneo se estabelecesse como uma força fora da OTAN. Os britânicos encontraram oposição da Turquia e Estados Unidos.

Após várias negociações a Turquia foi incorporada ao Bloco Militar Ocidental em 18 de fevereiro de 1952, assim os turcos já se viam no mesmo nível de importância dos países do Leste Europeu, isso significava inclusive, ser parte da Europa. E mais, a garantia de que o país deveria continuar recebendo ajuda para subsidiar seu crescimento. Tanto o PRP (Partido Republicano do Povo) sob İnönü, quanto o PD (Partido Democrata) sob Menderes, trabalharam forte para envolver os americanos na política e nas questões turcas e conseguiram. Do lado estadunidense o objetivo era cada vez mais aumentar sua influência no território turco e usá-lo geopoliticamente, contudo, sem deixar transparecer o objetivo da contenção aos soviéticos (Harris, 1972).

A entrada para a OTAN foi uma injeção de ânimo na Turquia. Foram desenvolvidas várias atividades sob as bandeiras da Doutrina Truman e do Plano Marshall e a presença americana em solo turco aumentou significativamente nesse período. Segundo Harris (1972) o temor de um ataque soviético fez os parceiros do Bloco Militar ocidental organizarem uma Força de defesa com 96 divisões. Das quais mais de 40 estavam sempre em situação de alerta e dessas, 18 bases eram na

Turquia, local realmente estratégico tanto para defesa como para ataque. Durante o Governo de Eisenhower a estratégia foi intensificada, pois a Guerra parecia questão de tempo. Criou-se nesse mandato a “Doutrina da Retaliação Maciça”.

As estratégias da OTAN previam a derrubada do inimigo do Heartland. Durante a década de 50, a demanda soviética por partes do território turco era mais evidente e compreensiva. O exército turco ficou em posição sempre estratégica, com organização de infra-estrutura e treinamento. Parte significativa dos investimentos da Doutrina Truman era destinada à construção de estruturas militares, pois havia a necessidade de modernização. Duas cidades se destacaram: Incirlik como base aérea e Izmir como sede do Comando do Sudeste. Os treinamentos intensos tinham como objetivo colocar o exército turco no nível mais próximo possível do americano.

Em 1954 foi firmado o polêmico acordo em que os americanos não diplomatas, em serviço na Turquia, estariam resguardados pela imunidade, documento foi aprovado no Congresso Turco. Por outro lado, vários outros tratados foram firmados secretamente entre o Ministério das Relações Exteriores da Turquia, o Exército e os EUA. Com isso, o número de estadunidenses cresceu – eles prestavam auxílio em treinamentos, capacitações diversas e organização logística. Nesse período, segundo Harris (1972), foram instalados mísseis de alcance intermediário na Turquia e a capacidade americana de obtenção de informações, através de satélites, aumentou. A estratégia da Contenção estava em pleno desenvolvimento. Em 1956 a URSS denunciou que balões meteorológicos dos EUA estavam sendo utilizados como espiões e esses instrumentos eram lançados do território turco.

Entre os anos de 1954 e 1955 foi criado o Pacto de Bagdá, um arranjo militar entre Turquia, Irã, Paquistão e Iraque, apoiado pela Inglaterra, sem os EUA. Esse acordo objetivava impedir que a URSS pudesse avançar em direção ao Oriente Médio, o que fez acirrar ainda mais os ânimos com o Kremlin. Egito e Síria, mais afeitos aos soviéticos, não fizeram parte do Pacto. Durante o ano de 1956 os soviéticos iniciaram o fornecimento de armas à Síria, episódio que fez Washington se manifestar, dizendo que não aceitaria nenhuma agressão aos países do Pacto e em contrapartida criou em 1957 uma política específica de proteção aos países do Oriente Médio. Em 1959 o Pacto se transformou na Organização do Tratado Central, que foi mais estruturada em termos de apoio econômico e menos militar.

Portanto, a década de 50 foi marcada pela aliança comercial e militar estratégica entre Turquia e EUA. Os investimentos econômicos foram excessivamente direcionados ao setor agrícola, sendo que a Indústria foi pouco incentivada. Havia uma demanda por produtos manufaturados e a indústria doméstica turca não tinha condições de atendê-la. Outro fator de desequilíbrio estava ligado ao Plano Marshall, pois houve a entrada maciça de produtos vindos de outros países que também foram beneficiados por esta política financeira. Com isso a necessidade de recorrer a empréstimos se tornou premente e como consequência lógica causou desequilíbrio na Balança Comercial. Segundo Keyder (1979) a ideologia

americana após o fim da II Guerra tinha como objetivo colocar no poder dentro dos países periféricos elites com tendência pró-EUA.

Sabe-se que a década de 1950 foi extremamente complicada para o povo turco, e seu governo em especial. A chegada de um novo grupo ao poder provocou uma transformação muito intensa na agenda política naquele momento. Do lado estadunidense, a intenção seria que as elites governassem com a ideia de abertura econômica e de mercado. “Nos anos pós-guerra ambos os governantes do PRP e PD usaram os pretextos do expansionismo soviético para constituir alianças com os Estados Unidos e o centro capitalista”⁶ (Somel, 2011, p. 194, tradução nossa). Como em outras partes do mundo, a ajuda militar não foi encaminhada desacompanhada da liberalização econômica.

6. In the postwar years both the RPP and DP governments used the pretext of Soviet expansionism to build closer ties with the United States and the capitalist core.

Já a década de 1960 foi um período conturbado na política mundial, muito em virtude do que aconteceu em 1962, a famosa e assustadora crise dos mísseis. Para Allison e Zelikow (1999) esse foi o momento em que o mundo esteve mais próximo de uma guerra nuclear, foram 13 dias tensos. Havia mísseis soviéticos em território cubano, direcionado para os EUA, para isso os soviéticos justificavam a defesa de Cuba contra uma possível invasão americana. Do outro lado, em solo turco, mísseis estadunidenses apontados para a URSS. A situação foi resolvida via diplomacia. Segundo Costa (1998), os armamentos em Cuba representaram a primeira vez que os soviéticos colocaram mísseis fora do seu território, o que assustou Washington.

O Governo Menderes concordou com a instalação de mísseis de médio alcance na Turquia. Havia um acordo entre o Parlamento e o Executivo do país, de que qualquer negociação dentro da parceria com os EUA seria informada e aprovada pelo Legislativo. A questão dos mísseis foi mantida no campo do segredo. Em meados de 1959/1960 os Mísseis Júpiter foram instalados na cidade de Ismir. Kennedy, prevendo as complicações, solicitou a retirada dos armamentos, mas os militares não concordaram, alegando que a Turquia assim estaria segura e mais forte frente aos soviéticos. De acordo com o Programa de Ajuda Militar, os mísseis passaram a ser propriedade da Turquia.

Para a URSS os mísseis em Cuba possuíam o mesmo valor estratégico e militar que aqueles colocados em solo turco. Depois da crise de 1962 os objetivos da OTAN foram descobertos. A Turquia, que acabou se tornando um mero expectador da situação, foi apanhada de surpresa, pois, a crise surgiu muito rapidamente. Após essa situação, ambos os lados puderam compreender que os perigos da Guerra Fria surgiam, às vezes, sem aviso prévio. Apesar de possuir os Mísseis em seu território a Turquia poderia ser atacada pelos soviéticos devido a menor distância e não estaria preparada para enfrentar tal acontecimento. Apenas em abril de 1963 os Mísseis foram retirados da Turquia. Portanto, os mísseis em Cuba foram uma resposta soviética, às ameaças dos EUA.

Os anos de 1960 foram marcados por desentendimentos e divisão de posturas entre americanos e turcos (Rodriguez, 2003). Questões internas, como o Golpe Militar e no cenário internacional os conflitos com o Chipre foram os motivadores. A Ilha (Chipre) era dividida entre gregos e turcos, sendo que os últimos eram minoria. Os gregos sendo maioria desejavam

mudar alguns pontos da constituição para atender a alguns interesses específicos, fato com que a Turquia não concordou e como solução adotou a intervenção militar. Como a Ilha gozava de grande prestígio na ONU (Organização das Nações Unidas) logo o conflito foi internacionalizado.

O que fez estremecer as relações entre os dois países foi a carta enviada à Turquia pelo presidente americano Johnson, com uma negativa de apoio à questão turca no Chipre. Sendo assim, os turcos, questionaram-se, sobre o alinhamento incondicional com os americanos. Contudo, a Turquia já estava dependente da ajuda financeira dos EUA e sua vontade de se afastar não podia ser concretizada, pois seriam altos os custos para tal situação. Em 1963 o país se tornou membro associado da Comunidade Econômica Europeia, avanço importante para que em seguida se tornasse membro efetivo de direito do Bloco. Esse fato fez mudar as relações entre os EUA e o país turco, pois sua dependência em relação aos americanos diminuiria drasticamente, contudo a entrada não se efetivou.

A década de 1960 marcou o retorno dos debates em torno do Islã Político no Oriente Médio. Esse fenômeno não passaria em branco na terra de Atatürk. Nesse período cresceu o antiamericanismo dentro da Turquia e com a crise do Chipre esse sentimento aumentou consideravelmente. Os soviéticos tentaram se aproveitar da situação e em 1964 seu Ministro das Relações Exteriores visitou a Turquia e demonstrou estar a favor dos turcos no conflito cipriota. Paralelamente o Kremlin mantinha contato com o Governo da Ilha, na pessoa do Presidente Makários. Por um breve momento na história a aproximação com a URSS fez com que Turquia e EUA se mantivessem distantes.

A década de 1970 também foram marcados por novos abalos na relação entre os dois países. Durante os anos de 1975 a 1978 os EUA promoveram um embargo econômico contra os turcos e o motivo foi o Chipre, invadido pela Turquia em 1974. Ainda nesse período as relações conflituosas entre Grécia e Turquia se intensificaram pela disputa sobre o espaço aéreo e marítimo do Mar Egeu. As relações turco-americanas voltam a se modificar nos anos 1980, por dois motivos principais: o Irã experimentou a Revolução em 1979 e passava por uma transformação político-estrutural; e os soviéticos invadiram o Afeganistão. Portanto, a balança de poder no Oriente Médio estava alterada e isso significou a revalorização estratégica do país turco diante dos americanos, o que levou a assinatura de novo acordo de cooperação entre os parceiros. Nesse tratado os EUA poderiam utilizar doze bases militares na Turquia em locais estratégicos. “No acordo também se contemplava ajuda econômica e militar dos Estados Unidos à Turquia”⁷ (Rodriguez, 2003, p. 1364, tradução nossa). Vale lembrar que no início da década os militares haviam tomado o poder novamente.

Há no Oriente Médio uma potência regional com valor estratégico e energético alto, o Irã. Não é interessante para a Turquia, muito menos para os EUA o protagonismo desse país. Contudo, as posições adotadas em relação ao Estado Iraniano são distintas. Para os estadunidenses o Irã é considerado um “rogue-State” e isso tem provocado várias situações constrangedoras na Política Internacional. Por outro lado, para os turcos está sendo mais interessante manter a relação mais amistosa e

7. En el acuerdo también se contemplaba ayuda económica y militar por parte de Estados Unidos a Turquía.

pragmática, inclusive recebendo petróleo e gás desse país. A diplomacia turca sempre ressalta a amizade entre os dois países. E a Turquia nega qualquer disputa por liderança regional com o povo iraniano.

Outro país nos limites fronteiriços da Turquia que gerava preocupações era a Síria, também atualmente vista pelos EUA como um “rogue-State”. Em alguns momentos das décadas de 1990 e 2000 quando alguma dissidência surgia, os turcos acreditavam no suporte norte-americano a ela, o que não ocorreu. A Síria é uma das nações mais fortemente ligadas à Rússia e isso pode explicar em parte a neutralidade americana. Conforme Rodriguez (2003), nesse caso Washington preferia ficar sempre de fora e evitar qualquer confronto com a Síria para não atrair os russos.

A Ásia Central é um ponto importante de projeção para a Turquia, pois nessa região do Globo há alguns povos turcos. Mas existe influência da Rússia e do Irã nesse local e o Governo turco tenta a todo custo minimizá-la. Nenhum dos Estados supracitados (Rússia e Irã) possuem laços étnicos e religiosos com o povo ali estabelecido e disso também os turcos tiram proveito. Há o projeto de oleoduto e gasoduto ligando essa região à Europa e passando em território da Turquia, o qual foi apoiado fortemente pelo governo americano que deseja também ver a influência russa mais limitada possível.

Internamente há uma forte pressão de grupos lobistas que defendem os interesses de gregos e armênios. Esse fato vez ou outra provoca tensões entre os antigos parceiros (EUA/Turquia). Os grupos internos levantam bandeiras em defesa dos direitos humanos, a questão delicada do Chipre e desejam minimizar as ajudas financeiras para o Governo de Ancara. Conforme Rodriguez (2003) não há, por outro lado, o Lobby turco o que faz a situação ficar desfavorável para a Turquia, que recebe apoio apenas de órgãos do próprio governo norte-americano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo nota apresentada por Oran (2010), o número de acordos bilaterais celebrados entre EUA e Turquia é uma incógnita até os dias atuais. Contudo, foram muitos, principalmente no campo militar. Através da OTAN e dos vários tratados os dois países aumentaram sua segurança interna, sua capacidade militar e conseguiram conter o perigo iminente representado pela URSS. Barnett (1996) afirma que as alianças servem para evitar uma guerra indesejada. No caso da relação aqui trabalhada, a guerra ocorreu, apesar de ser caracterizada como um conflito atípico, ideológico: a Guerra Fria. Por outro lado, também diz o autor acima que pode servir para uma bem-sucedida guerra, caso não seja possível evitá-la e isso foi o que ocorreu na Guerra Fria. Mas vale ressaltar que a vitória dessa aliança foi construída sob forte pressão militar e, sobretudo, pela busca incansável, indomável, por aquilo que pode ser dito como o bem mais precioso das Relações Internacionais – o poder. Sendo que a identidade foi essencial para se alcançar este fator.

Esse artigo cumpriu o objetivo que era analisar a relação geopolítica e geoestratégica entre Turquia e os Estados Unidos para compreender o papel da Turquia como país de contenção à expansão soviética durante

a Guerra Fria. Dos documentos (textos, artigos, livros) pesquisados poucos falam diretamente dos interesses entre os dois países como o faz, por exemplo, Harris (1972). Mas, se fosse possível dizer de uma soma de fatores, o resultado seria que a geopolítica foi primordial na construção e/ou caminhada desses países, principalmente no período de 1947 até meados de 1991. A Turquia desenvolveu um papel estratégico importante e ainda hoje colhe os frutos ou recebe ônus por isso, conforme afirma Sandrin (2009).

A primeira hipótese, que diz da posição e localização da Turquia ainda da sua ligação com outros países, se confirma diante das descobertas feitas por essa pesquisa. Nessa condição, a Turquia foi parte do plano estadunidense de contenção da União Soviética na Guerra Fria. Portanto, também foi confirmada a segunda hipótese. Assim a Turquia controlando os estreitos o de Bósforo e Dardanelos, não permitindo o acesso soviético, somadas às suas bases militares com os EUA. Isso foi essencial para que o Kremlin não alcançasse o objetivo principal que seria o acesso aos mares quentes, ou seja, saída para o Mar Mediterrâneo. Sua “possível” intenção de se transformar em um “poder anfíbio” não pôde ser concretizada, pois, a navegação, as estratégias de guerra e/ou conquistas não seriam administráveis no oceano gelado ao norte da URSS. Outro aspecto relevante, que não foi alcançado, seria o acesso às fontes de energia, encontradas em abundância no Oriente Médio, petróleo e gás.

Além disso, a Turquia exerceu também o papel de contenção político-estratégica dos países do Oriente Médio frente ao chamado “Ocidente”, confirmando outra hipótese desta pesquisa. É possível novamente buscar amparo em Barnett (1996) que afirmou estarem os países do Oriente Médio mais “interessados” em conflitos deixando em segundo plano a cooperação. Naquele tempo histórico, período da Guerra Fria, essa afirmação poderia fazer sentido. Mesmo a Turquia, saindo da Guerra Fria, estava marcada por essa tendência, que viria a ser transformada nos anos 2000. Conforme Pecequillo (2005) o pós-Guerra Fria foi marcado essencialmente pela multipolaridade. Assim o argumento ora apresentado é a de que a contenção nesse aspecto foi militar, mas também ideológica.

No aspecto militar a Turquia sob vários aspectos impediu a amizade de países do Oriente Médio com a URSS. Suas bases militares possibilitavam uma presença forte dos EUA, pois seu espaço geográfico é rico em possibilidades estratégicas. Suas fronteiras dão acesso rápido e fácil a vários Estados considerados como ameaça pelos estadunidenses: Iraque, Síria e Irã, por exemplo. Também do ponto de visto militar foi apresentado nesse trabalho que as organizações militares constituídas no Mundo Árabe tiveram a presença dos turcos, pode-se lembrar do Pacto de Bagdá e do Tratado de Cooperação do Golfo. Claro, não pode ser esquecido o papel da Turquia nas operações de paz, tanto em sua região Eurásia, conforme Turquia (2001), como na África. Mas, a principal organização militar foi a OTAN, que pôde integrar em seus quadros vários países-chave. A OTAN foi um dos pilares da política de contenção.

No aspecto ideológico é válido resgatar a modernização promovida por Atatürk no começo do século passado. Situação a princípio impositiva, mas, que num segundo momento foi bem utilizada pela Turquia para suas aquisições e alianças. Uma nação do Oriente, islâmica e que faz parte

do mundo ocidental. Os turcos souberam usar o alfabeto, democracia, “liberdade política”, todos esses aspectos foram empregados como um “bom exemplo” aos países vizinhos.

Outra variável relevante para mensurar o papel turco na contenção foi o aspecto financeiro. A Turquia, segundo Harris (1972), chegou a ser o terceiro país em volume de ajuda estadunidense no período da Guerra Fria. Conforme analisado no desenvolvimento desta pesquisa, a questão econômico-financeira era para os EUA uma das molas-mestras para derubar a concorrência soviética. Essa política foi bem utilizada pelos governos que ocupavam a Casa Branca. Portanto, para se encaminhar uma conclusão, é válido lembrar que a lente teórica da geopolítica auxiliou na percepção da relação entre Turquia e Estados Unidos no período do conflito bipolar. Mas ainda hoje, mesmo com a mudança sistêmica pode ser perfeitamente utilizada. A “troubled alliance” entre esses dois países foi e continua sendo pragmática, estratégica e claro econômico-financeira.

REFERÊNCIAS

- Allison, Graham; Zelikow, Philip. **Explaining the Cuban Missile Crises**. 2º ed. New York: Longman, 1999.
- Amorim Filho, Oswaldo Bueno. A Geopolítica e a primeira guerra do século XXI. In: Brant, Leonardo Nemer Caldeira (Coord.). **Terrorismo e Direito: os impactos do terrorismo na comunidade internacional e no Brasil**. Rio de Janeiro: Forense, 2003, p. 329-346.
- Amorim Filho, Oswaldo Bueno. Geografia Política Ampliada: resumen de los aspectos Fundamentales. **Paisajes Geográficos**, Quito, v. 11, n.24, p. 56-101, 1991.
- Barnett, Michael N. Identity and Alliances in the Middle East. In: Katzenstein, Peter J. (Ed.). **The Culture of National Security: Norms and Identity in World Politics**. New York: Columbia University Press, 1996. p. 400 - 447.
- Cintra, Rodrigo; Pereira, Analúcia Danilevicz (Org.). **Relações internacionais: teorias e agendas**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- Costa, Wanderley Messias da. **Geografia Política e Geopolítica: discursos sobre o território e o poder**. São Paulo: EDUSP, 2010.
- Duarte, Geraldine Marcelle Moreira Braga Rosas. A Evolução do Pensamento Geopolítico. **Caderno de Geografia** (2023) v.33, n.72, p. 244 - 273, 2023. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/geografia/article/view/30008>. Acesso em: 04 set. 2024.
- Embaixada da República da Turquia. **Tópicos da Política Externa Turca**. Brasília, 2001. Disponível em: <https://brasil-emb.mfa.gov.tr/Mission>. Acesso em: 04 set. 2024.
- Fernandes, José P. Teixeira. Império Otomano 1915 – 1917: o que aconteceu aos armênios? **Revista História**, Lisboa, nº 68 – jul/ago 2004, p. 28 – 38. Disponível em: www.jptfernandes.com/docs. Acesso em: 04 set. 2024.
- Fernandes, José P. Teixeira. **Turquia: Metamorfoses de Identidade**. Lisboa: Ed. ICS, 2005.
- Halliday, Fred. **Repensando as Relações Internacionais**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1999.
- Harris, George S. **Troubled Alliance: Turkish-American Problems in Historical Perspective, 1945–1971**. Washington, D.C.: American Enterprise Institute for Public Policy Research, 1972.
- Hobsbawm, Eric J. **A era dos extremos: o breve século XX – 1914/1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- Hogan, Michael J. **The Marshall Plan: America, Britain, and the Reconstruction of Western Europe, 1947-1952**. Cambridge University Press, 2011.
- Kennan, George. The Sources of Soviet Conduct. **Foreign Affairs**, 25, p. 576 – 582, July, 1947.
- Keyder, Çağlar. The Political Economy of Turkish Democracy. **New Left Review**, New Left Review, Vol. I., No 115, 1979, p. 3-44. Disponível em: <https://newleftreview.org/issues/i115/articles/caglar-keyder-the-political-economy-of-turkish-democracy.pdf>. Acesso em: 04 set. 2024.

Kissinger, Henry. **A diplomacia das Grandes Potências**. Rio de Janeiro: Ed. UniverCidade Editora – 2001a.

Kissinger, Henry. **Memórias**: Anos de Renovação. Rio de Janeiro: Ed. UniverCidade editora – 2001b.

Mackinder, Halford J. El Mundo Redondo y la Conquista de la Paz. In: Weigert, Hans. W.; Stefansson, Vilhjálmur (Orgs.). **Política y poder en un mundo más chico**: una compilación de ensayos de diversos autores sobre temas actuales de geografía política. Buenos Aires: Ed. Atlântida, 1948.

Melo, Leonel Itaussu Almeida. **Quem tem medo da Geopolítica?** São Paulo: EDUSP, 1999.

Morgenthau, H. **A Política entre as Nações**: a luta pelo poder e pela paz. Brasília: Editora UNB, 2003.

Oran, Baskin. **Turkish Foreign Policy 1919 – 2006**: facts and analyses with documents. Salt Lake: The University of Utah Press, 2010.

Parker, Geoffrey. **Geopolitics**: Past, Present and Future. London and Washington: Pinter, 1998.

Pecequillo, Cristina Soreanu. **A Política Externa dos Estados Unidos**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2005.

Roriguez, Carmen. Turquía y Estados Unido: desde la guerra fría hasta la actualidad. **Fragmentos de Cultura**. v. 13, nº 06, p. 1357 – 1372, nov./dez. 2003.

Sandal, N.A. Middle powerhood as a legitimation strategy in the developing world: the cases of Brazil and Turkey. **International Politics**. vol. 51, nº 6, p. 693 - 708, 2014. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1057/ip.2014.33>. Acesso em: 04 set. 2024.

Sandrin, Paula. **Turkish Foreign Policy after the end of Cold War**: from securitising to desecuritising actor. In: LSE Contemporary Turkish Studies 2nd Annual Doctoral Dissertation Conference, 2009, London, London School of Economics? Doctoral Discussion Papers, 2009. Disponível em: <http://www2.lse.ac.uk/europeanInstitute/research/contemporaryturkishstudies/paper%20ps.pdf>. Acesso em: 04 set. 2024.

Spykman, Nicholas J. **The Geography of the Peace**. New York: Harcourt, Brace and Company, 1944.

Visentini, Paulo Fagundes. **O Eixo e a URSS na Guerra Mundial**: diálogo com a narrativa anglo-americana. Leitura XXI, 1996.

Zahreddine, Danny; Lasmar, Jorge Mascarenhas; Teixeira, Rodrigo Corrêa. **O Oriente Médio**. Curitiba: Ed. Juruá, 2012.